



O MEIRINHO.

JORNAL CRITICO E LITTERARIO.

ANNO XI

NUMERO 299

Domingo | *Publica-se uma vez por semana e subscreve-se nesta* | SERIE
26 | *Typ. a 1\$000 réis por uma serie de 4 numeros* | 66.^o

O MEIRINHO.

Fortaleza, 26 de Agosto de 1883.

ROUBO LITTERARIO.

É esgrevinbado, o verdadeiramente abusivo o lugubre procedimento em o qual se prendem certos escriptores, sugido de, sob os seus productos litterarios, collocarem extensamente os seus nomes.

Em rezar-mos tal, é-nos sobrada a razão; pois que temos em nossas mãos um quadro tristonho, o qual nos impõe que, aos tribunaes da literatura Cearense levemos um crime tão extraordinario e irrisorio, sendo o seu autor um tal R. S., mais ou menos conhecido entre nós.

Teve o triste arrojo, o Sr. R. S. de, lendo uma poesia sob o epitheto — *Eu gosto de te ver*, assignada essa pelo seu proprio dono — João Alberto e publicada no *Monitor Campista* N.º 172 de 30 de julho do anno passado, tomai-a como sua e publical-a no *Cearense* de 30 de maio d'este anno.

É horroroso o procedimento do Sr. R. S. E cremos que sempre se proceda isso em todos os cantos do mundo; só bem é que existam escriptores que receiam de, sob as suas produções, colocar por extenso o nome.

Os saltadeiros só buscam os lugares mais silenciosos e dízertos; assim também acontece com os escriptores que de uzar gostam os phil-grammas ou inicias do nome, sob o escripto.

Imenso desejo tínhamos em transcrever o protesto do verdadeiro dono da poesia, o Sr. João Alberto; porém nos faltando o espaço, apresentamos, apenas, aos nossos leitores a poesia, da qual deseja ser senhor o celebríssimo R. S.

Ell-a:

EU GOSTO DE TE VÉR

(A Lb-Lb)

Eu gosto de te ver sempre serena,
Como da lua a pallidez amena,
Em lago transparente;
Como a brisa na veiga claudando
Quando à noite se agita, balouçando,
E passa docemente.

Eu gosto de te ver sempre mimosa,
Como as rubras pet'las d'uma rosa,
Ainda ... o botão;
Como a estrela que surge peregrina,
Lá nos párauas — em hora matutina,
No tibio clarão.

Eu gosto de te ver sempre sombria,
Co'esse olhar tão grato de magia,
Voltando languroso;
Como a onda que mansa se desmala,
Beijando docemente além a praia,
Em dia bonancoso.

Eu gosto de te ver sombria, esquila,
Co'esse porte que tanto me capilha,
E me seduz d'encanto;
E mais entô, menaço, eu gostaria,
Se pudesse ... do impeto de alegria,
Beijar-te o collo santo.

Macabé — Maio — 1882.

João Alberto.

Muito triste accão commetteo o ralenteiro versegador; e não tema jamais em apresentar-se ao mundo luminosa das letras como protótipo natural do engrandecimento litterario de sua pátria.

E em nosso puder o *Monitor Campista*, jornal este onde se lê o protesto contra a ladroeira do Sr. R. S.

Os nossos leitores terão o direito de viram a esta redação, si desejarem, assim de directamente preenchiendo a phizica ladroeira extrebuchando-se sobre a face do direito e da verdade.

— —

ALBUM DA CRITICA.

Leitores e leitores do *Meirinho*! —
Prompço, lesto e agudo! ..

Estou os comprimentando, e muito
dispostinho a dizer *alguma coiza*, muito
embora *meio mundo* fique no *aço* com-
migo.

Mãos à obra.

Leitores, vou começar
Pelo princípio. — Esta dito.
Atenção! ouvido atento!
Ouçam lá falar bonito.

§

Afinal chegou o homem do *facão grande*, ou o *Esc.º Sc.º Dr. Satyro de Oliveira Dias*, presidente nomeado para esta província.

Chegou n'um dia e no outro tomou
l'go conta da administração.

Ja tive o gostinho de vel o de perto:
no dia de sua posse.

É um tipo até nuô la muito feio: é
sympathico.

Dizem que é homem de tino, quero
dizer: *entende do riscado*.

Deos permita que o pregador nuô min-
ta, como diaia o outro.

Se o pregador nuô mentir

A província está mui bem;

Além de ter bom governo

Até medico tem também.

§

Afinal está confirmada a nomeação do
Manivão para o juizado de direito de
Jaguaribe-meirim.

F i uma desgraça, é verdade; mas
peço menos vai nos favorecer com a sua
auzencia, o que é bom que dóe.

Diabos o leve! .. Ha mais tempo! ..

Puxa barro, Manivão,

Vae te l'go para o Orco,

Pois aqui ja causa tedio

Uma tel ultmā de porco.

§

O *Manivones* nuô quis ir-se embora
sem nos deixar uma lembrança sua.

Não sabendo, porém, como havia de
isso fazer — lembrou-se de demitir o Pe-
dreiro e encachar no seu lugar um seu
parente também *maniva*, que, segundo
dizem, — é, além de doente, — *idiota*.

Isto é mais que imoralidade, é es-
candaloso!

Demittir um empregado zeloso e com-
pridor de seus deveres para se arranjar um
filhote! .. Só a um *Manivão* lembraia

semelhante couzo! ..

É bonita uma polícia
Feita por um *aleijão*!
Isto só lembra a uma besta.
Do calibre — *Manivão*! ..

§

Pelo que vemos, o *gato* sempre comeo
os juizados de direito do *Zé Ladislão* e
Paivicula.

Pelo menos até agora o *fio arame* sinda
nada disse a tal respeito; e se já disse
— nuô me conta.

É muito bem feito que isso succeda,
pelo menos ao *Paivicula*, para elle nuô
ser *judas*.

Pelo geito qu'eu estou vendo
O *Paivinha* e *Ladislão*
Têm de ficar tocando
Realejo e *marimbão*.

§

Lendo no *Liberdador* — que só 14
miranhas foram receber o *Dr. Satyro de Oliveira*, oppuz a isso os meos embargos,
apezar de conhecer a pequenez do partido
da *Therezinha*.

Mas, qual nuô foi o meu assombro
vendo na posse da presidencia o grande
numero de — *CINCO* e mais *DOIS* mi-
ranhas, acompanhando a *S. Esc.º*!?

É preciso saber se — que para comple-
tar esse numero foi preciso contar se com
o *Tonico* e o *Dr. Rapadura*! ..

Ka desgraça, mestre!

Assim mesmo estes miranhas
Querem fazer — figurão!
Mas não de fazer figura,
Porém só de — *papelão*!

§

O *Arraz*, depois que metteu-se na po-
lítica e foi *forjado* juiz do pax (em falta de
gente), anda dezen-perado para cazar-se.

Segundo dizem os *meninos do gaz*,
ele pretende aqui certo *mechina* e *chika*;
porém que esta tem lhe uma aterroza es-
panhola: nuô quer vel o — *nem pintado*.

Mas o *animalejo* é pertinaz, pois, ape-
zar de saber d'isto, — ainda nuô mudou
de rumo.

Aqui p'ra nós, leitores: a *menina tem*
razão! .. O *Arraz* é uma entidade que
causa tedio até ao seu parente *Piolho*:
nuô conta mesmo uma afeição nessa ter-
ra! .. E, depois... que ganha elle com
isso?

Assim, menina de saude!

Gosto de ver uma moça
Que o amor nuô sacrifica

A qualquer um Aguaraz,
Essa espécie de peitica.

§

Pra variar, leitores, volto hoje ao saruê, o namorado da fogarei da B. Vista. Este seo Mandes ainda fazendo de mariposa, isto é, atraç das chamas de uma fogueira, que será a causa de sua morte.

Novo em namoro, ou inesperiente ainda, — não sabe onde e com quem está metido!

Eu bem tenho avisado; e quem me avisa — meo amigo é, como lá dizem.

Seo saruê, seo Mandes
Se mire bem no espelho,
Pra depois não vir dizer me —
Foi por falta de conselho.

§

O namoro n'esta terra
Anda em cavalo de tallo:
A velha, a moça, a menina
Faz arranjo — á pé de gallo
Na rua do Senador,
No quartelão do telegra,
Se namora — á pé de gallo,
Ou mesmo — fóra da regra.
Começa ali o derriço
Das 9 horas p'ra mais...
A typa é — á pé de gallo,
Á pé de gato é o rapaz.

§

Ainda estão longe as eleições provinciais e já os candidatos começam a aparecer.

É serio!

O Mendonça de Arronches já está preparando terreno; e diz — que d'esta viagem não ha de sahir-se mal, pois está disposto a gastar assim obra de dois contecto com a sua eleição, afora o que não de gastar os — amigos.

E eu croio que elle pensa bem, porque: cu qu'ella gosta, cu dos amigos, cu o mais ha de haver... da certo, no fim.

Este Mendonça, leitores,
É mesmo um Mané Mendonça;
E tem coragem até
De cavalgar uma onça.

§

O Arraz também, leitores, está trabalhando também para o mesmo fim, e mesmo a força de 60 cavalos.

E para isso já expediu circulares aos seus parentes e amigos.

Este Arraz parece que não tem bons bocais!?

Quem foram que te meteram na cabeça que havias de seres deputado, mestre Curiúja!!!

Tenho dito e té dizado,
Tenho dizado e direi:
O Arraz é deputado
Quando o Libera for rei!

§

« Mulher não casa com carapato porque não sabe qual é o macho. »

Está dito!

E tagão isso é verdade que o Adolpho reles do cão — está namorando na rua Formosa, e namorando mesmo á pé queimados!

Mas é preciso não ter-se o que fazer ou estar-se desenganada do mundo para dar-se palha a um semelhante bipede!

Credo, alma!

Menina, tome um conselho,
Por vidinha de seo olho:
Se ha de amar o Adolpho,
Antes namore o Piolho.

§

Algumas meninas do G. Sampaio botaram p'ra riba com o Meirinho passado, apesar d'elle nada ter dito — de mão — sobre elas.

São gostos!

Não se afflijam, corações de pombalota, porque a cauza quando tiver de chegar por lá — vai, e vai mesmo á pé espatulado.

Minhas sultas, meos anjinhos,
Não precisam se vexar;
Demorem a procissão
Que o anjinho vai mijar.

§

MOTTE.

Seo Claudio, cara de choro,
Pague a sua assinatura.

GLOZA.

Já me causa desdoro
Vêr n'um Bond empoleirado
Um typa mui desbrriadão —
— Seo Claudio, cara de choro.
E maisinda o desaforo
Desse traste sem ventura,
Indecente e má figura,
Que com nosco quer brincar!
Coisa ruim, pife, sem par —
— Pague a sua assinatura!

§

Recado.

— Señor Theófilo Olegario:
Este tem por fim sómente

Fazel-o muito sciente
Do seguinte. — Escute lá:
Se quiser continuar
A ler nosso jornalito
Faça com nosco um bonito,
P-rém isto já e já

Vosmincé muito bem sabe
Que ninguem é seo paizinho
Para lhe dar o *Meirinho*,
De bebes à Nicoldo;
Por isso — sem mais preambulo —
Pague a sua assignatura,
Do contrario a *piza* é dura,
E está aqui... está no pão!

§

Tenho dito.

Vou fazer ponto final,
Pois à isto sou forçado;
Se estive bom ou rram
Desde já — muito obrigado

O Bispo.

GALERIA DO POVO.

MOTTE.

(A D. E. . . .)

Antes casar com o *Piolho*,
Do que casar com o *Arraz*.

GLOZA.

Antes comer forte *moço*
De pimenta malaguéia,
Ou viver n'uma grilheta.
— Antes casar com o *Piolho*!
Antes perder mesmo um olho,
Morrer até de um *antraz*;
Mesmo em falta de rapaz,
(A minha alma a ti confessa);
Dez vezes — morrer na pésia —
— Do que casar com o *Arraz*.

25 — 8 — 83.

Fra Diabo.

†

TRIOLET.

É medico o seu presidente
E o vice é boticario!
Chegue quem estiver doente...
É medico o seu presidente!
Bravos! Não mais morre gente,
Sendo o estado sanitario!
É medico o seu presidente,
E o vice é boticario.

Ego.

A PÉDIDO.

O VÍCIO.

D'entre todos os vícios o mais pernicioso é o de *mascar fumo*.

O homem, apesar de sua construção forte, muitas vezes sucumbe às consequências de tão perigoso hábito.

Mas não é dele que vamos falar; é das mulheres em geral que, em sua quasi totalidade, *mascão fumo*, a título de *limpar os dentes*.

Uma mulher dissoluta, que diariamente *masque fumo*, vê; porque ella já perdeu honra, pudor e dignidade.

Uma respeitável matrona (ou mesmo sem respeito), que gosta de *mascar seo rolo de Mapinguim* — não é tão censurada, porque já ninguem a pretende. Só o pobre marido é que desejaria passar uma noite com a cabeça dentro do tambor da máquina de cortar tabaco do Bernardino Plácido, a dormir ao lado da sua porcionha esposa.

A moça, o símbolo da pureza e castidade, passar das 6 horas da manhã às 10 da noite com 4 vintens de *batipendy*, na janelin, esfregando os dentes, não tem desculpa e nem qualificação.

Muitas delas se nos asemelha àquelas tipos magros da *secca* pela falta de asseio no rosto. Seus labios, que podiam ser cor de rosa, parece com o fundo de um *bezerrão*, que sofre *diarréia*.

Não queremos achar em dizer que estas *mascadeiras* já perderam o pudor; mas limitamo-nos em dar um conselho:

Quando vos vier o desejo de *mascar um rolo de fumo*, lancem mão dele, e com toda firmeza o entrodonti no orifício recto que vos forá melhor proveito.

Vulturemos.

Justus.

Última hora.

Nas ruas de S. Pompéu existe um *montão* de namorados, que já perderam o verniz da *cairá* e vivem desbragadamente desrespeitando a *Dona moralidade*. Cuidado, *typas*, muito cuidado!

Ah!... ia me esquecendo, que ali ha também *montões de alcociteiras* como no tempo da *secca* havia *montões de cadáveres assolado pela bexiga!*... Isto é muito desolado.